

## O USO DE UMA LINGUAGEM POPULAR NAS AULAS DE HISTÓRIA: As representações da República Velha nos folhetos de Cordel.<sup>1</sup>

Kalhil Gibran Melo de Lucena<sup>2</sup>  
Graduando em História-UFRPE  
Maria Ângela de Faria Grillo<sup>3</sup>  
Doutora em História

**RESUMO:** Quando margeamos a história da República Velha, usando como referência a literatura de cordel, temos a possibilidade de despertar um olhar diferente acerca da construção historiográfica desse contexto. Os folhetos se configuram como instrumentos importantes de representação, tanto da realidade cotidiana dos brasileiros quanto do imaginário popular. Nesse sentido, o presente artigo se propõe a levantar reflexões sobre o uso do cordel no ambiente escolar, apresentando-os como uma ferramenta pedagógica capaz de instigar debates, questionamentos e despertar o imaginário dos educandos, assim como ajudar no desenvolvimento cognitivo dos mesmos. Sabe-se que o ato de estudar ou de empenhar-se a aprender não é fácil e nem sempre prazeroso, assim, os folhetos trazem uma possibilidade de diálogo entre professores e alunos, a partir da rima e musicalidade de seus versos.

**PALAVRAS-CHAVE:** República Velha, Ensino de História, Literatura de Cordel.

**ABSTRACT:** When Marge the story of the Old Republic, with reference to the string literature, we have the opportunity to awaken a different look about the construction of this historiographical context. The leaflets are configured as important instruments of representation, both the daily reality of the Brazilian and the popular imagination. In that sense, this article intends to raise reflections on the use of the string in the school environment, presenting them as an educational tool capable of instigating debates, questions and arouse the imagination of students, as well as help in the cognitive development of them. It is known that the act of studying or a commitment to learning is not

---

<sup>1</sup> O presente artigo apresenta-se como produto da pesquisa **As Representações da República Velha na Cultura Popular e no Livro Didático**, financiada por uma bolsa PIBIC/CNPq/UFRPE.

<sup>2</sup> Primeiro Autor é Estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, e Integrante do Grupo de Estudos em História Social e Cultural - GEHISC. E-mail: [kakogibinha@yahoo.com.br](mailto:kakogibinha@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Segundo Autor é Doutora em História, Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, e Coordenadora/Pesquisadora do Grupo de Estudos em História Social e Cultural - GEHISC. E-mail: [lagrillo@msn.com](mailto:lagrillo@msn.com)

easy and not always pleasant, well, the leaflets carry a possibility of dialogue between teachers and students from the rhyme and musicality of his verses.

**KEYWORDS:** Old Republic, teaching history, string literature.

## INTRODUÇÃO

Quando nos debruçamos sobre a História do Brasil dita oficial nos deparamos com uma história singular, que enaltece e destaca apenas os grandes feitos e os grandes personagens. Dentro dessa perspectiva, sabe-se que o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República, mas será que fez isso sozinho? Será que o país dormiu Império e acordou República, ou houve alguma construção histórica que antecedeu esse acontecimento? São Paulo e Minas Gerais impuseram uma oligarquia ao recente Brasil republicano, mas afinal de contas os outros Estados brasileiros foram tão submissos assim? Nesse ínterim, observa-se que o que geralmente chega até nós é uma história pronta e acabada, produzida de cima para baixo, imposta por uma elite econômica e intelectual. É óbvio que não há condições de detalhar um a um dos personagens e dos inúmeros momentos de um fato histórico num livro didático, por exemplo, mas é necessário que os autores desses livros, assim como os professores e professoras, tenham a consciência de esclarecer e dar a possibilidade de reflexão ao aluno, de que a História é plural e inesgotável.

De início se pode dizer que houve todo um movimento de idéias e discussões acerca da nova conjuntura política, e ela assim que vigorou logo objetivou sua fixação procurando extinguir as imagens e as marcas que representassem o Império. Sobre essa questão o historiador Marco Antonio Villa esclarece-nos que:

O novo regime rapidamente se consolidou. Os políticos monarquistas se converteram à nova ordem como se fossem republicanos desde o período da propaganda. O Governo Provisório iniciou imediatamente a construção do Estado republicano, apagando as marcas do regime anterior. Ruas e institutos mudaram de nome, passando a adotar denominações vinculadas à República, e os símbolos da monarquia foram arrancados dos edifícios públicos. Era necessário a qualquer preço apagar a memória do Império. (VILLA, 1996: 83).

Diante desse contexto, ao lermos acerca da República Velha é possível perceber que ela representou a descoberta de uma fórmula política que poderia levar à emancipação

---

econômica e moral do país, a exemplo da possibilidade de realização de um sonho das elites paulistas e mineiras. Nesse ínterim, de mudanças no modelo político brasileiro, o Partido Republicano, formado por: Quintino Bocaiúva (civil), Benjamim Constant (militar), Silva Jardim, Rui Barbosa (civil) entre outros, fizeram grande campanha, baseada em idéias Republicanas, para acabar com a Monarquia. Havia uma euforia no ar e um entusiasmo no Brasil do fim do século XIX.<sup>4</sup>

Na última década do Império, por exemplo, ocorreu um expressivo aumento do número de indústrias. Em 1889, com a República, esse número subiu ainda mais. Os trabalhadores das indústrias e do comércio eram, geralmente, imigrantes europeus, principalmente italianos. Observa-se, então, um final de século que trazia ao Brasil mudanças econômicas e sociais bem relevantes, com expansão industrial e agrícola, ou seja, uma economia em ascensão. E além de tudo uma significativa mudança de regime político, com a República. Assim, o progresso se revelava como sinal de mudanças e prosperidades, mas é importante ressaltar que tudo isso vinha acompanhado também de muitas divergências políticas entre as oligarquias.<sup>5</sup>

Nesse ínterim, a elite brasileira econômica e intelectual estava dividida entre os que eram a favor a continuidade da Monarquia e os que apostavam na República, porém mesmo os que aderiam ao novo regime findavam por também se dividirem com idéias e objetivos diferentes. Assim, percebe-se que as opiniões eram plurais e os embates políticos eram bem frequentes, e tudo isso por conta de uma busca por direitos e interesses. Diante dessa conjuntura política Villa elucida que:

O ano de 1889, o último da Monarquia, abriu-se com a permanência da crise política. O velho regime não conseguia reformar-se. Os conservadores buscavam preservar seus privilégios, considerando-os direitos eternos. Os republicanos, divididos entre “puros”, como Silva Jardim, e “realistas”, como Quintino Bocaiúva, entraram na crise final do regime sem um programa próprio e dependiam de outras forças, particularmente dos militares, para definir sua forma de atuação. (VILLA, 1996: 36).

Villa (1996) nos diz ainda que enquanto a classe dominante, em quase sua totalidade aderiu à República, entre as classes populares a resistência foi maior, e o povo não perdia as oportunidades de manifestar o seu desgosto com a nova ordem. Isso fica bem explícito

---

<sup>4</sup> Ver: ARRUDA, José Jobson. **Do fim do século XIX aos dias de hoje**. 3ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

<sup>5</sup> Ver: TREVISAN, Leonardo. **A República Velha**. 8ª Edição. São Paulo: Global, 2001, p.13-31.

O USO DE UMA LINGUAGEM POPULAR NAS AULAS DE HISTÓRIA: As representações da República Velha nos folhetos de Cordel - por Kalhil Gibran Melo de Lucena e Maria Ângela de Faria Grillo

nos versos de alguns cordelistas, como na ótica do poeta popular João Martins de Athayde<sup>6</sup>, por exemplo, em seu folheto denominado *Ai se o passado voltasse*<sup>7</sup>:

Se o Brasil inda tivesse  
Um homem sábio e profundo,  
Como D. Pedro segundo  
Que um bom governo fizesse!  
Se o Brasil inda houvesse  
Um homem que se prezasse,  
Nosso destino guiasse,  
Qual outro Napoleão  
Mas grita de balde, em vão,  
Ai! Se o passado voltasse.

Outra questão pertinente é que ao lermos o livro de José Murilo de Carvalho, *A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil*, mais especificamente em seu quarto capítulo, que é intitulado, *República-Mulher: Entre Maria e Marianne*, nos deparamos com uma questão levantada pelo autor na questão dos republicanos brasileiros de trazer para o nosso país uma orientação francesa. E assim, o autor traz à tona uma idéia que margeou os primeiros momentos da República, a partir do uso que foi feito da alegoria feminina.

(...) a alegoria feminina domina a simbologia cívica francesa, representando seja a liberdade, seja a revolução, seja a república (...). A figura feminina passou a ser utilizada assim que foi proclamada a República, em 1792, na França. A inspiração veio de Roma, onde a mulher já era símbolo da liberdade (...) (CARVALHO, 1990: 75).

Entrementes, os inimigos do Novo Regime investiram tudo que puderam para caçoar e denegrir a representação feminina da República. A virgem ou a mulher heróica dos republicanos era facilmente transformada em mulher da vida, em prostituta. Isso fica claro

<sup>6</sup> Nasceu em Cachoeira de Cebolas, povoado de Ingá do Bacamarte, Paraíba, segundo ele próprio em 23 de junho de 1880. Devido à seca de 1898, migrou para Pernambuco, radicando-se no Recife. Faleceu em Limoeiro (PE), em 1959. Publicou o seu primeiro folheto em 1908, impresso na **Tipografia Moderna: Um preto e um branco apurando qualidades**. Sua admiração pelo grande poeta Leandro Gomes de Barros não era correspondida. Mas, mesmo assim, em 1921, adquiriu os direitos de publicação de toda a obra de Leandro e iniciou a re-publicação, inicialmente, se indicando como editor e, posteriormente, retirando a informação da autoria de Leandro. Athayde, no ano de 1949, após haver passado por um acidente vascular cerebral, se afastou da atividade de editor, vendeu a sua tipografia para José Bernardo da Silva, repassando-lhe os estoques e os direitos de edição sobre tudo o que publicou. Ver: Acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa - <http://www.casaruibarbosa.gov.br/>.

<sup>7</sup> A presente literatura de cordel foi consultada e analisada a partir do Acervo de cordel do Arquivo Público Estadual de Pernambuco. Ela é datada de 29/01/1942.

---

também entre os populares, como pode-se observar nos versos do cordel *Antônio Conselheiro: África de um sertanejo místico*<sup>8</sup>:

O negócio de república  
Não pode ser coisa boa,  
Nossa princesa Isabel  
Teve de Deus a coroa,  
Ré-pública só pode ser  
Coisa de mulher à toa.

Sabendo que a ex-esposa  
Se achava decadente,  
Vaticinou Conselheiro  
Num tom muito comovente:  
- Vai morrer prostituída  
Como a república nascente.

Conseqüentemente, diante desse contexto, de transição do regime político brasileiro, o autor, José Murilo de Carvalho adverte-nos que a Proclamação da República brasileira precisa ser enxergada como sendo construída por versões plurais, sendo melhor que se denominem Proclamações. Quando problematiza “A Formação das Almas” durante o início da República brasileira, Carvalho trabalha acerca das diferentes Proclamações, ou seja, as diferentes construções históricas defendidas por cada grupo após o 15 de novembro de 1889. Assim, o autor se debruça na interpretação de Repúblicas, como: a República Militar de Deodoro, a República Sociocrática de Benjamin e a República liberal de Quintino Bocaiúva. Os *deodoristas*, por exemplo, concordavam que a sociedade brasileira da época era dominada por uma elite bacharelesca, desrespeitosa dos brios militares.

(...) Ele foi defendido principalmente por setores militares desvinculados da propaganda republicana. Os *deodoristas* eram, sobretudo, os oficiais superiores que tinham lutado na guerra contra o Paraguai. Eram os inúmeros parentes que cercavam o marechal, irmãos e sobrinhos. (...) Esse grupo não tinha visão elaborada de república, buscava apenas posição de maior prestígio e poder, a que julgava ter o exército direito após o esforço de guerra contra o Paraguai. A elite política imperial, apesar das muitas indicações de insatisfação militar, não abriu

---

<sup>8</sup> Folheto do poeta Gonçalo Ferreira da Silva - Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>). O presente folheto, ao relatar a vida de Antônio Conselheiro, diz que ele em uma ocasião quis deixar a esposa por uma mulher mais nova. A esposa logo tratou de arranjar um novo casamento com um fegoso sargento, para se vingar. Nesse contexto, Conselheiro pôs fim a esse novo casamento de sua esposa através de uma parábola, onde podemos constatar parte dela através dessas duas estrofes de versos acima.

mão de seu civilismo, de sua crença na necessidade do predomínio da autoridade civil. (...) (CARVALHO, 1990: 38 e 39).

Em relação à República Sociocrática de Benjamin Constant, pode-se denominá-la pelos seus ideais corporativistas. Essa corrente positivista era, é claro, contrária a um militarismo exacerbado dos *deodoristas*, possuindo defensores que comungavam politicamente e ideologicamente, apoiando-se na questão de Benjamin Constant ter sido o responsável pela mudança de regime, de Império à República, como um modelo de revolução, de salvação da pátria. Nesse sentido José Murilo de Carvalho enfoca que:

(...) Era o catequista, o apóstolo, o evangelizador, o doutrinador, a cabeça pensante, o preceptor, o mestre, o ídolo da juventude militar. Benjamin não aparece em primeiro lugar como representante da classe militar, como vingador e salvador do Exército. Aparece como o professor, o teórico, o portador de uma visão da história, de um projeto de Brasil. (...) Os sociocráticos, ou positivistas, eram inimigos abertos da democracia representativa, para eles característica do estado metafísico da humanidade. Em seu lugar, deveria ser implantada a ditadura republicana, forma de governo inspirada tanto na tradição clássica romana como na figura do Danton dos tempos do Comitê de Salvação Pública da Revolução Francesa (...) (CARVALHO, 1990: 40 e 41).

Já em relação a Quintino Bocaiúva e os ideais de uma República Liberal, que objetivava ser democrática, é possível perceber que eram incompatíveis aos positivistas, configurando-se como seus grandes adversários ideológicos. Porém, esses liberais tinham uma certa afinidade com os *deodoristas*. Quintino Bocaiúva não era de nenhuma facção militar, mas era a favor da aliança com militares no intuito de implantar a República. Ele representou em 1889 a propaganda republicana.

(...) A decisão é dos históricos, é do chefe do partido Republicano; os militares são os instrumentos livremente aceitos para implementá-la. Quintino sugere que a própria questão Militar teria sido parte da tática republicana de agitar os quartéis contra o governo. (...) A afirmação do papel dos históricos era, portanto, importante para garantir a posição dos civis na Proclamação e a perspectiva liberal da República. Mas era impossível negar o aspecto militar do evento e o caráter inesperado de sua eclosão (...) (CARVALHO, 1990: 51).

Segundo o autor, como se pode observar, formou-se diferentes versões oficiais da construção da República brasileira, destacando-se principalmente a dos atores presentes

---

naquele dia, buscando-se sempre a necessidade que a nova república tinha de ter uma história oficial, um mito de origem, e conseqüentemente um herói. Ou seja, uma História que valorizasse um enredo pronto e acabado e que acima de tudo exaltasse um vencedor. Nesse ínterim, ele elucida que:

(...) Embora as raízes da República devam ser buscadas mais longe e mais fundo, o ato de sua instauração possui valor simbólico inegável. Deodoro, Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva, Floriano Peixoto: não há inocência na briga pela delimitação do papel de cada uma dessas personagens. Por trás da luta, há disputa de poder e há visões distintas sobre a natureza da República (...) (CARVALHO, 1990: 36).

Percebe-se, portanto, que o autor corrobora com a questão de que a construção da idéia de *proclamações* e *Repúblicas* não ocorreu apenas com o objetivo de simples disputas de poder entre os participantes desse evento histórico, mas estava também embutido o conflito pela definição do novo regime. Assim, a análise da luta pelo mito fundador pode servir para esclarecer a natureza desse conflito.

Corolariamente, a República brasileira nascia com muitas dúvidas e incertezas – como governar o país? Quem assumirá a complexidade do cotidiano político, homens comuns ou das Forças Armadas? –, e diante dessa conjuntura de rupturas e permanências, Trevisan explica-nos que:

As mudanças deviam acontecer com muita calma. Sem grandes alterações da ordem pública. Aí entra a figura de Deodoro, velho soldado, respeitado, que asseguraria a mudança sem grandes desordens. Contudo, instalado com a proclamação, o novo regime buscava estabilizar-se. Passada a euforia dos primeiros dias, a República começava a ter que enfrentar os “problemas sociais”. O primeiro deles era evidente: com quem ficava o poder, com os civis ou com os militares? (...) (TREVISAN, 2001: 22).

Deodoro da Fonseca é o primeiro presidente do Brasil e Rui Barbosa<sup>9</sup> foi o seu Ministro da Fazenda. Deodoro da Fonseca deveria ficar no poder até 1894, porém devido às

---

<sup>9</sup> Rui Barbosa foi um político que teve importante papel no agravamento da crise política da monarquia, através dos artigos que publicava no Diário de Notícias. Apesar de não ser republicano, Rui atacava os inimigos da república com uma linguagem violenta, como o Conde d’Eu (acusado de manipular o Exército) e o Imperador D. Pedro II (acusado de ter seu estado mental doente e de ser um rei moralmente morto). Em suma, Rui Barbosa era um político liberal que defendia o federalismo, além de outras reformas, com ou sem monarquia. Ver: VILLA, Marco Antonio. **A Queda do Império: Os últimos momentos da monarquia no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996, p.51-59.

fortes pressões, renunciou e deixou para o seu vice, Floriano Peixoto (1891 – 1894). Floriano, também conhecido como presidente mão-de-ferro, apostou na diminuição dos preços dos alimentos e os preços dos impostos. Enfrentou algumas revoltas, como: A Revolução Federalista – RS (1893) e a Segunda Revolta da Armada (1893), além da Guerra de Canudos no Norte da Bahia.<sup>10</sup>

Conseqüentemente tem-se início a República Oligárquica (República do café-com-leite), ou seja, os fazendeiros paulistas e mineiros se revezavam no poder, e se a oposição de alguma maneira estivesse forte, para ganhar as eleições, as mesmas eram fraudadas, e sempre o candidato do governo ganhava. Defuntos votavam, assinaturas eram falsificadas, os títulos não tinham a foto do eleitor. As eleições eram diretas, porém para poucos. Sempre havia trapaças em prol do governo. Na República Oligárquica apenas 3% dos brasileiros eram eleitores. Só votava quem tivesse mais de 25 anos de idade, do sexo masculino e alfabetizado. Nesse período (1894-1930) onze presidentes se revezaram no poder, em sua maioria paulistas. Outro ponto pertinente nesse contexto é que durante o período da Política do Café-com-leite houve muitas revoltas, como: A Guerra de Canudos, Revoltas da Armada, O Cangaço, A Guerra do Contestado, A Revolta Contra a Vacina Obrigatória, A Revolta da Chibata, As Revoltas Tenentistas.<sup>11</sup>

Percebe-se que durante a República Velha o Brasil passou por diversas mudanças relevantes em seu cotidiano e em suas mentalidades, e nesse contexto os versos dos folhetos de cordel se mostram como testemunhas, sejam aceitando ou repudiando o Novo Regime. Nas rimas do cordel *Tiradentes: O Mártir da Independência*<sup>12</sup>, por exemplo, temos um discurso de aceitação:

O Marechal Deodoro  
O primeiro presidente  
Da república brasileira  
Homem sério e consciente  
Que deixou nosso Brasil  
Para sempre independente.

Logo após ele ter feito  
Aqui a proclamação

<sup>10</sup> Sobre os governos militares de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto ver: CARONE, Edgar. **A República Velha II – Evolução Política (1889-1930)**. 4ª Edição. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 25-148.

<sup>11</sup> Ver: CARONE, Edgar. **A República Velha II – Evolução Política (1889-1930)**. 4ª Edição. São Paulo: DIFEL, 1983. Ver também: CARONE, Edgar. **Revoluções do Brasil Contemporâneo 1922 – 1938**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 7-18.

<sup>12</sup> Esse cordel conta-nos a história do Brasil a partir da Inconfidência Mineira. Autoria do poeta Apolônio Alves dos Santos - Datado de 10/08/1981. Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Da república, do Brasil  
Deixando livre a nação  
Do domínio português  
Findou-se a conspiração.

Portanto o nosso Brasil  
Hoje é realmente  
Embora a custo de sangue  
Mas venceu heroicamente  
Podemos considerá-lo  
Um país independente.

Assim ao trabalhar-se com o Cordel como representação desse recorte temporal, acreditamos que ele pode trazer informações adicionais daquelas contidas num texto conceitual e tradicional porque ele possui uma ótica diferente, familiarizando os alunos e os leitores com a História de nosso país por meio dessa linguagem popular.

#### **A HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL E A SUA IMPORTÂNCIA ENQUANTO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Rima, musicalidade, gracejo, liberdade de pensamento e de expressão, essas são algumas das particularidades dos folhetos de cordel. Eles se configuram como instrumentos importantes de representação, tanto da realidade cotidiana dos brasileiros quanto do imaginário popular. A riqueza e a prática da produção do cordel chegaram ao Brasil a partir da influência européia, mais especificamente Portugal.

De origem Árabe e tradição oral, difundida pela Europa por poemas de improvisos recitados por menestréis e trovadores na Idade Média, a literatura de cordel ganhou grande impulso a partir da criação da imprensa no século XVI, e dessa forma possui uma dupla natureza: falada e escrita.

Dentro desse contexto vale à pena relatar um pouco acerca da trajetória histórica da literatura de cordel na Europa. Na França eles receberam a denominação de *littérature de colportage*, porque os livretos eram geralmente comercializados pelos *colporteurs*, vendedores ambulantes que negociavam com mercadorias penduradas em seus corpos e entre essas mercadorias a *littérature de colportage*. Os folhetos de cordéis franceses eram produzidos em papel de baixo custo, ou seja, do mesmo tipo de papel que se embrulhava o açúcar, que no século XVII era comercializado em cones, e suas capas eram impressas em tinta azul, daí o conjunto dessas obras serem conhecidos entre os franceses como *Bibliothèque Bleue*. Na Espanha o cordel ficou conhecido como *pliegos sueltos* e teve seu

período áureo no século XVIII, os folhetos eram impressos em folha de papel de baixíssima qualidade e cada folha era dobrada duas vezes, assim os folhetos espanhóis eram comercializados em forma de pequenas brochuras. A literatura de cordel na Espanha apresentava temáticas diversas, como: histórias de aventureiros, de heróis, de bandidos, romances de cavalaria, *pliegos* biográficos e religiosos. Os *pliegos sueltos* apresentaram-se como um produto bastante rentável aos centros comerciais espanhóis. Já em Portugal, além das mesmas características peculiares de França e de Espanha no sentido de serem edições baratas, os folhetos de cordéis eram chamados de folhas volantes, porém recebiam também outras denominações, como: literatura de cegos e literatura de cordel. Em 1789, o rei de Portugal Dom João V promulgou uma lei permitindo que a Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos de Lisboa pudessem também negociar com os folhetos, assim esse tipo de literatura foi bastante divulgada e comercializada por cegos, daí a denominação de literatura de cegos. Corolariamente, a denominação literatura de cordel se deu por conta da forma como esses livretos eram expostos para venda, ou seja, pendurados em barbantes ou cordões.<sup>13</sup>

A partir de alguns versos do folheto *A Didática do Cordel*<sup>14</sup> é possível também compreender-se um pouco da trajetória histórica do cordel:

Não se sabe exatamente  
O cordel de onde veio  
Alguns afirmam que os mouros  
Lhe serviram de correio  
Até a Península Ibérica  
E de lá pra nosso meio.

Pois lá na Península Ibérica  
Cordão se chama cordel  
Onde eram penduradas  
As folhinhas de papel  
Nascendo daí o nome  
Desta cultura fiel

O cordel viajou sempre  
Nessa marcha cultural  
Conduzindo a influência  
Da cultura oriental  
Embora o seu nome seja

<sup>13</sup> GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)**. Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005, p. 28-41.

<sup>14</sup> **A Didática do Cordel** – Autores: Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana. Folheto consultado a partir do site <http://www.cnfcp.gov.br/> - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral - RJ.

### De origem provençal

Menestréis da Idade Média  
Narravam grandes contendas  
Entre príncipes e dragões  
Muitas batalhas horrendas  
E contos lá das Arábias  
Traçados de velhas lendas

O cordel sempre cresceu  
Numa dimensão tamanha  
Espalhou-se pela França  
Em Portugal e Espanha  
A existência dos fatos  
Lhe servindo de campanha

Partindo-se agora para uma análise do folheto de cordel brasileiro se faz importante destacar que ele apresenta-se, em sua grande maioria, como um livro pequeno (tendo geralmente 16 cm X 10 cm) e bem fino (a maioria possuindo 8, 16 ou 36 páginas), sendo difundido por violeiros repentistas. O Nordeste do Brasil é o grande berço dos poetas de cordel, e diante desse contexto do fascinante universo do folheto popular vários nomes destacaram-se tanto para a escrita dos versos quanto para a xilogravura<sup>15</sup>, tais como: Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde, Silvino Pirauá de Lima, José Costa Leite, José Soares da Silva (Dila) e José Francisco Borges (J. Borges).

Uma característica bem própria do cordel fica por conta de suas capas onde geralmente aparecem desenhos populares, xilogravuras, reproduções de cartões-postais antigos, fotografias de poetas, familiares e artistas de cinema, ou ainda fotos mostrando cenas de filmes. Conforme nos afirma Liêdo Maranhão (1981), na ilustração de capas dos folhetos, a xilogravura findou sendo a mais adotada, tendo início a partir dos anos 1920, tornou-se uma marca registrada da cultura nordestina. É importante destacar que o xilógrafo popular tem a habilidade de demonstrar nas suas obras cenas do cotidiano dos sertanejos e cangaceiros, o imaginário religioso dos populares, representações diversas de um Brasil

---

<sup>15</sup> Segundo Liêdo Maranhão as xilogravuras são ilustrações populares, elas apresentam-se como a arte das gravuras talhadas em madeira – pequenos pedaços de casca de cajá, imburana, pau-pombo, pereiro e nigar-porco, cortados de canivete, goiva, buril, formão, gilete ou de ponta de faca. Quem pratica essa arte geralmente é um modesto anônimo gravador, um ilustrador gráfico das criações poéticas. O poeta de cordel inventa qualquer coisa relacionada com o fato que escreveu e pede ao compadre gravador que faça um serviço caprichado, por conta da amizade, com a promessa de um cento do livro, para o amigo vender na feira. E assim, nasce o artista, um homem pobre e semi-analfabeto. Ver: SOUZA, Liêdo Maranhão de. **O folheto popular: sua capa e seus ilustradores**. Recife: Editora Massangana/ FUNDAJ, 1981.

esculpido em madeira.

No Brasil o cordel atinge seu auge entre a década de 1930 e a década de 1960, porém ele foi bastante rejeitado e discriminado durante o final do século XIX e início do século XX pelos folcloristas, que não reconheciam o cordel como uma genuína literatura popular brasileira. Eles argumentavam que o cordel idealizado e produzido no Nordeste brasileiro, além de ter suas bases firmadas na oralidade, caracterizava-se por uma origem portuguesa, sendo assim, para esses folcloristas a literatura de cordel não era um produto que representava a legítima cultura brasileira. Entrementes, somente durante as décadas de 1960 e 1970 é que a literatura de cordel ganha reconhecimento entre a intelectualidade brasileira, ou seja, no meio acadêmico.<sup>16</sup>

A professora e pesquisadora Maria Ângela de Faria Grillo nos diz que as marcas de oralidade na literatura de cordel no contexto brasileiro tiveram o seu lado positivo, pois serviram como uma poderosa ferramenta que conseguiu ser mediadora entre as pessoas que não sabiam ler ou escrever ao processo de alfabetização.

Os cordéis eram lidos pelo folheteiro nas feiras e, posteriormente, em saraus e reuniões coletivas, onde ocorriam as narrações de contos e as cantorias. A memorização desses poemas era facilitada pela própria estrutura narrativa e formal dos poemas, e, por isso, considerada, pelos leitores/ouvintes, como um processo de apropriação da leitura. (GRILLO, 2005: 8).

Entrementes, diante desse contexto de importância dos folhetos enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem, se faz possível afirmar que nas últimas décadas o que se observa é que a literatura de cordel no Brasil vem passando por um momento de resignificações, nesse ínterim, o seu uso em sala de aula, como linguagem lúdica para o ensino de história, é mais uma faceta assumida com muita propriedade pelos folhetos. Assim, sobre essa questão Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio alerta-nos que:

Na sala de aula, é importante que o professor tenha sempre a preocupação em não transformar o folheto em mero relato jornalístico. O que interessa é perceber como o poeta se posiciona diante da história, tendo sempre em vista o caráter ficcional desta produção. (...) Lampião, assim como outros personagens da história do Brasil (Getúlio Vargas, Padre Cícero, Tancredo Neves, Antônio Conselheiro), desfila pelas páginas dos folhetos, assumindo ora a posição de herói, escolhido para resolver as questões sociais, ora a posição de homem comum, com suas fraquezas e incertezas. Resta-nos ler com atenção as histórias que estes personagens inspiraram e, despertar nos jovens, o interesse em saber um pouco mais sobre a nossa cultura, sobre a nossa história. (PINHEIRO; LÚCIO, 2001: 69 e 77).

---

<sup>16</sup> Ver: GRILLO, Maria Ângela de Faria. *Da cantoria ao cordel: o reconhecimento entre os intelectuais*. In: **A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)**. Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005, p. 105-139.

Diante desse contexto, observa-se que os folhetos têm a particularidade de trazer para o universo escolar uma maneira diferente de ler e ouvir, ou seja, uma proposta de ensino-aprendizagem que possibilita-nos transitar pela História e pelo mundo do conhecimento em geral, atravessando os obstáculos de um ensino tradicional. Dentro dessa perspectiva, Jotacê Freitas<sup>17</sup> com muita habilidade afirma que “por tratar-se de uma narrativa envolvendo situações do cotidiano ou do imaginário popular com uma linguagem e vocabulário simples, utilizando rimas rítmicas, o Cordel atrai os jovens leitores (...). A Literatura de Cordel traz em seu interior toda uma musicalidade e informações carregadas de conhecimento e de uma visão crítico social.” Nesse ínterim, é necessário considerar-se o cordel também como uma opção de documento histórico. Assim, Maria Ângela de Faria Grillo elucida que:

(...) O poeta de cordel não trata apenas de descrever a realidade de maneira artística e satisfatória; ele tem, ao mesmo tempo, que fornecer informações frescas e agradar. Os folhetos tornam públicos acontecimentos sensacionais, traduzem as notícias da imprensa da capital para a linguagem do habitante do sertão, e as interpretam como o público gostaria de ouvi-las, mudando-as muitas vezes e dando-lhes novas funções e significados. (...) Devemos analisar os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e jornais tendenciosos, mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel, através dos folhetos, que mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles. (GRILLO, 2003: 118 e 119).

Entrementes, ao considerarmos os folhetos como documentos históricos, podemos dizer que ao lê-los e compreendê-los estamos exemplificando contextos históricos. E segundo a professora Antônia Terra nos documentos existem sujeitos que dialogam e constroem sentidos específicos para a realidade retratada, eles são alimentados por diálogos múltiplos mantidos com a realidade e ressoam ainda no tempo, através de inúmeras leituras feitas posteriormente. Todavia, o aluno, a classe e o professor, terão seus universos culturais sempre em conexão com novos enunciados.<sup>18</sup>

A introdução de estudos que buscam desvendar as múltiplas relações dialógicas incorporadas às obras humanas amplia a oportunidade dos alunos conhecerem contextos históricos complexos, que se expandem em ressonâncias no tempo e que se materializam em obras e acontecimentos. Possibilitam, ainda, escaparem de explicações causais e simplistas, indo de encontro à construção de olhares substanciosos, recheados de referências culturais, contextos e histórias. (TERRA, 2008: 103).

<sup>17</sup> FREITAS, Jotacê. **Cordel Pedagógico – Oficina de Cordel**. Arquivo extraído do site: <http://www.portaldocordel.com.br/downloads.html> - Acessado em 04/02/2011.

<sup>18</sup> TERRA, Antônia. *História e dialogicismo*. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 101 - 103.

Assim, levando em consideração que o ensino de História precisa ser construído em sala de aula, no sentido do professor/professora se conscientizar que os alunos precisam compreender melhor o mundo em que vivem, o cordel se apresenta como uma possibilidade para essa questão, pois pode ser usado como ferramenta pedagógica no sentido de desenvolver no aluno o exercício da reflexão, da criatividade e da criticidade. Os folhetos podem auxiliar o sujeito a organizar seu pensamento, analisar, justificar suas respostas e expressar-se, promovendo a independência, a autonomia e a cooperação no mesmo, dessa forma se faz necessário aproveitar-se das várias facetas do Cordel, dentro do ambiente escolar.

Corolariamente, o folheto de cordel é problematizado aqui como uma ferramenta de ensino e aprendizagem que pode ir para além dos livros didáticos da disciplina de História, não no sentido de extermínio dos didáticos em substituição pelos cordéis, mas ir além objetivando auxiliar, somar, contribuir nas aulas de história como documentos que testemunham a história do Brasil, a partir de seu viés popular. Dentro desse contexto, o folheto torna-se uma opção para que se obtenha dos alunos um novo posicionamento na construção do saber escolar, e assim, eles poderão despertar para novas visões de mundo.

Estudar através da produção da cultura popular é estar aberto a todas as possibilidades, desvencilhar-se dos conceitos e preconceitos, privilegiando códigos e significados simbólicos partilhados entre sujeitos sociais de um mesmo espaço geográfico e de um mesmo tempo histórico. O cordel, que através da narrativa registra os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor é conselheiro do povo e historiador popular, dão origem a uma crônica de sua época (GRILLO, 2008: p.1-3).

Em suma, torna-se de fundamental importância considerar o poder de criação e de interpretação dos alunos, pois eles precisam descobrir uma História em que eles sejam sujeitos ativos, para que possam trazer em suas memórias o prazer e a confiança por essa disciplina. E para isso a imagem, a poesia, o cordel, o teatro, o RPG, a música, são alguns exemplos de linguagens, que ao serem usadas pelos docentes, permitirão um processo de ensino e aprendizagem muito construtivo e proveitoso com os educandos, tratando-se a História com leveza e dialogicidade.

## **METODOLOGIA**

A partir de inúmeras possibilidades de se transitar na História, da interdisciplinaridade e da diversificação dos documentos, essa pesquisa se apóia na corrente historiográfica da Nova História Cultural. A mesma prega que a narrativa faz da História motivo de representação e tema de reescrita, valorizando o seu poder de sedução. A natureza e a legitimidade do conhecimento histórico, então, podem ser questionadas por uma rica fonte de pesquisa histórica, os folhetos de Cordel. Que se revela organizador da História, através da ficção e do humor, refletindo sobre o próprio desenvolvimento da narrativa.

Autor cuja versatilidade permite explorar assuntos tão diversos quanto a historiografia literária e a sociabilidade do século XVIII, a história cultural e a literatura de cordel, as formas de discurso escrito e o mundo da computação, Roger Chartier tem se destacado no cenário acadêmico como um dos mais importantes pensadores da atualidade, dedicando-se, sobretudo, ao instigante universo das práticas de leitura. Ele trata da questão da leitura sob uma perspectiva genérica, isto é, enquanto prática capaz de determinar a própria conformação do texto escrito. Chartier promove uma verdadeira revisão tanto dos conceitos relacionados à escrita e à leitura quanto de idéias pertinentes à estética e à crítica.

Dizer isto não é reduzir os debates intelectuais à mera condição de aparentes confrontos de poder (entre escolas, entre disciplinas ou entre tradições nacionais), nem pensar que tal análise permite, a quem a faz, escapar às determinações do campo em que se encontra. Trata-se de outra coisa, que é o dever de pensar as divergências surgidas no nosso mundo acadêmico ou as evoluções das disciplinas que são as nossas, situando-as no espaço social que é o seu. A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. (CHARTIER, 1990: 16 e 17).

A metodologia utilizada nessa pesquisa se apóia em estudos e discussões historiográficas em relação ao presente tema e período histórico em questão. A pesquisa está sendo realizada em bibliotecas públicas, objetivando-se um levantamento bibliográfico da produção científico-acadêmica da época (livros, monografias, dissertações); no Arquivo Público Estadual de Pernambuco (folhetos de cordel); e também pela Internet a partir de sites específicos que nos oferece relevante credibilidade, como por exemplo: A Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>), que possui um excelente acervo digitalizado de folhetos de cordel em seu site, e o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE (<http://www.cnfcp.gov.br/>), que também possui um rico acervo digital a partir dos materiais que são fornecidos pela Biblioteca Amadeu Amaral (Ministério da Cultura).

Observa-se, na verdade, que não falta documentação sobre essa fase da história brasileira na crônica poética do cordel. Nesse ínterim, a idéia é analisar folhetos de cordéis que tratam da presente temática, objetivando-se trabalhá-los nas aulas de história como documentos, além de usá-los como ferramentas pedagógicas acerca das representações da República Velha. Outra idéia em questão é a de cruzar as devidas informações obtidas da presente pesquisa com a produção acadêmica existente. Buscando colaborar um pouco com a historiografia brasileira. Realizar a leitura e o cruzamento de dois discursos – o acadêmico e o popular – possibilitará desenvolver uma crítica mais eficaz à memória histórica.

É relevante perceber que os folhetos de cordéis se apresentam como leituras dinâmicas e envolventes. E sua diversidade pode ser aproveitada em sala de aula, com o objetivo de construir conhecimento. Dentro dessa perspectiva, apresentando o cordel como ferramenta didática, é que o presente artigo, produto da pesquisa *As Representações da República Velha na Cultura Popular e no Livro Didático*, se propõe a trabalhar.

Roger Chartier<sup>19</sup> nos diz que sempre haverá um público interessado nos acontecimentos através do manto da fantasia e da ficção literária, que torna os eventos passados acessíveis e as personagens e figuras históricas extremamente humanas na sua condição de heróis, homens ou agentes do processo histórico. A narrativa de cunho historiográfico continua cativando na contemporaneidade uma parcela considerável de leitores. Dessa forma, estamos observando que os folhetos possuem uma atração natural, servindo como instrumento historiográfico que seduz os alunos e leitores com seus versos rimados e engraçados, acerca de temas frequentes da sociedade brasileira.

Encontramos na literatura de cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados e relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates e discussões em sala de aula. Qualquer que seja o método de abordagem do professor, o debate em algum momento deverá ser sempre privilegiado, conscientizando o aluno de seu papel de herdeiro da cultura de seu povo e de agente transformador dessa cultura.<sup>20</sup>

É dentro dessa perspectiva que a pesquisa *As Representações da República Velha*

---

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

<sup>20</sup> PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Editora - Livraria Duas Cidades, 2001.

---

na *Cultura Popular* e no *Livro Didático* se propõe a trabalhar, pesquisando acerca de obras publicadas sobre o assunto em questão no meio acadêmico e nos folhetos populares, além de objetivar pensar, refletir e problematizar o ensino de história: qual a importância do ensino de história na formação do cidadão? Como trazer o passado à sala de aula? Qual a finalidade de ensinar ou aprender história na atualidade? Que passado devemos abordar quando ensinamos história no Ensino Fundamental e Médio? De que forma o ensino de um passado pode contribuir para a construção do presente do aluno? Quanto de conteúdo histórico um aluno precisa hoje? Dentro desse contexto, a historiadora e pesquisadora Circe Bittencourt nos diz que:

Um primeiro desafio para quem ensina História parece ser a explicação da razão de ser da disciplina, buscando atender aos anseios de jovens que ardilosamente fazem perguntas aparentemente inocentes, como: “Por que estudar História? Por que o passado, se o importante é o presente?”. No entanto, independentemente das dúvidas dos alunos e das respostas dos professores, a História continua a existir nos currículos e a disciplina reformula-se em textos oficiais e em livros didáticos que crescem em títulos e circulação. (...) A produção sobre a História a ser ensinada precisa se constituir como um conjunto heterogêneo. (BITTENCOURT, 2008: 11 – 12)

É por isso que nos últimos anos tem sido cada vez mais frequentes o uso de linguagens alternativas para o ensino de história nas escolas, procurando-se dar sentido e apropriação do passado aos alunos. Em suma, acreditamos que o folheto de cordel é uma pertinente possibilidade didático-pedagógica que pode promover reflexão e entendimento acerca do passado. Mas, precisa-se também ter a consciência que o cordel não é uma linguagem capaz de salvar por si só o ensino de história de todas as suas particularidades e complexidades, nem muito menos devem ser vistos como proposta de substituição dos livros didáticos. Todavia, trabalhar-se criticamente a história do Brasil a partir dos folhetos populares, enquanto documentos da história, é trilhar um caminho possível de construção do conhecimento.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A História atualmente nos possibilita uma visão de mundo muito relevante, que nos exige estudos, reflexões e até mesmo abstração. Investigar o processo histórico faz sentido para ajudar a compreender o presente e a levantar-se questionamentos acerca da construção de valores. Diante desse contexto, podemos afirmar que a História hoje não se alicerça apenas num passado pronto e acabado, numa verdade absoluta ou numa história blocada caracterizada com um discurso dos vencedores ou dos grandes homens e heróis.

Todavia, a História valoriza e investiga os acontecimentos e os sujeitos históricos sob uma ótica plural, até mesmo porque é necessário perceber que ela possui uma dinamicidade e pode ser construída de várias possibilidades. Entrementes, o historiador é aquele que através de suas reflexões e problematizações investiga, a partir de alguns indícios, alternativas que possam ajudá-lo a re(construir) o que o presente se encarregou de deixar para trás.

Em artigo publicado na ANPUH nacional, o historiador e pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Júnior é extremamente habilidoso com as palavras quando nos diz que por mais que o historiador se precipite na direção do tempo presente, irá sempre se defrontar com o evento já acontecido, “encontrará o leite derramado”:

Quando chega, a mácula já ocorreu, o tempo já se escorreu, a ebulição dos fatos já se espalhou pela superfície da História, os ditos e feitos dos homens e mulheres já transbordaram, só restam as marcas deixadas pelo gume dos instantes em que tudo se deu, só tem a sua frente pequenas crostas, delgadas camadas de restos, delicados indícios, algumas nódoas, pequenas sujidades que servem de testemunho, de signos, que evocam a presença do que ali se passou, que pedem explicação, que convocam que um novo fluxo comece, o fluxo da narrativa, para que a cena, da qual só continuam existindo alguns destroços coagulados, possa ser compreendida, possa fazer sentido. (JÚNIOR, 2009: 1).

Sendo assim, torna-se necessário que se analise o passado sem preconceitos e que o historiador possa ter em mente questionamentos relevantes à fazer acerca desse passado, como por exemplo: o que o meu presente vê de possibilidade no estudo de um passado? Assim, quando lemos ou pesquisamos acerca das primeiras décadas da República brasileira nos defrontamos com algumas pertinentes indagações: Por que a República Velha já nasceu velha? Será que as rupturas entre o Império e a República no Brasil foram tão atenuadas, que podemos falar mais em continuidades? Como era constituído e organizado o poder militar nacional que derrubou o sistema político monárquico, mas findou passando tão pouco tempo no poder? O que foi produzido em âmbito popular, folhetos de cordel, que podem servir como representação desse período? Para refletir acerca desses questionamentos se faz necessário conduzir-se ao passado margeando a história da República Velha, para que assim haja possibilidades de buscarem-se afirmações, análises e reflexões, no que já foi escrito tanto como História oficial, quanto na literatura de cordel acerca desse período em questão.

A presente pesquisa, *As Representações da República Velha na Cultura Popular e no Livro Didático*, vem nos revelando que ao estabelecer-se um estudo tanto das versões oficiais da História, como da literatura de cordel, torna-se possível observar que a História

O USO DE UMA LINGUAGEM POPULAR NAS AULAS DE HISTÓRIA: As representações da República Velha nos folhetos de Cordel - por Kalhil Gibran Melo de Lucena e Maria Ângela de Faria Grillo

---

construída nos folhetos de cordel apresenta-se de forma dinâmica, democrática e envolvente.

O cordel consegue trabalhar com habilidade e musicalidade os aspectos sociais, políticos, religiosos e culturais da História do Brasil, e ainda nos revela personagens que contribuíram para a construção da formação histórica da sociedade brasileira, como: Lampião, Antônio Silvino, Antônio Conselheiro, Padre Cícero. A seca, o Cangaço e o Padre Cícero, por exemplo, ganharam grande destaque na literatura popular, como podemos verificar no folheto *O Evangelho Primeiro do Padre Cícero Romão*<sup>21</sup>:

Padre Cícero deixava  
O seu interlocutor  
De agressivo, sereno  
Com respeitoso temor  
No fim ainda lhe dava  
Humana aula de amor.

Protegia cangaceiros  
Mas de modo diferente  
Muitas vezes ministrando  
Um conselho inteligente  
Querendo que fosse humano  
Sem deixar de ser valente.

Foi em mil e oitocentos  
E setente e sete o ano  
Da devastadora seca  
Da fome e do desengano  
Que o Padre Cícero teve  
Um comportamento humano.

Vendo passar sem chover  
O dia de São José  
Forma-se a romaria  
De gente marchando a pé  
Porque era o sofrimento  
Quem alimentava a fé.

O que ele recebia  
Dos ricos da redondeza  
Dividia entre os pobres  
Com tal noção de nobreza  
Que deixava satisfeitos

---

<sup>21</sup> Cordel de autoria do poeta Gonçalo Ferreira da Silva (s/d). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Os ricos e a pobreza.

Outra questão bem frequente nos cordéis é a discussão acerca da conjuntura política que norteava o Brasil durante a mudança de regime, Monarquia X República. Dentro desse contexto, o folheto *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos*, do cordelista Minelvino Francisco Silva<sup>22</sup>, consegue nos relatar um pouco do repúdio dos populares acerca do Novo Regime:

- Esta maldita república –  
O Conselheiro dizia –  
Nós temos que a pôr abaixo  
E repor a Monarquia  
Pois a lei republicana  
À nossa terra atrofia!

O imposto é um absurdo,  
Por demais demasiado;  
O Governo traz o povo  
Do país escravizado –  
Quem pensar que estou mentindo  
Pode ir ver o resultado!

O presidente zangou-se;  
Mandou que se preparassem  
Dois mil soldados armados  
De tudo o que precisassem –  
Canhões e metralhadoras –  
E ao Conselheiro atacassem.

Em outro exemplo sobre o embate da Monarquia X República podemos citar o caso do folheto de cordel intitulado *Discussão de Rufino Fonseca com Antonio Eugenio*<sup>23</sup>. Os

---

<sup>22</sup> Ele nasceu no povoado de Palmeiral, Município de Mundo Novo (BA), em 1926. Seu primeiro contato com a literatura de cordel foi com o clássico *Romance do pavão misterioso*. Começou a versejar aos vinte e dois anos de idade e sua primeira sextilha, foi improvisada durante o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros (1955) e dedicada a João Martins de Ataíde. Minelvino foi poeta popular e xilógrafo dos mais talentosos, compôs, basicamente, em sextilhas e setilhas. Viveu intensamente o universo do cordel, passando por todas as modalidades e deixando a marca da qualidade e do rigor em tudo o que escreveu. Em 1980, venceu o concurso Prêmio Literatura de Cordel, promovido pelo Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel como parte das comemorações do centenário de João Martins de Ataíde, com o folheto *Vida, profissão e morte*, de João Martins de Ataíde. Ver: Fundação Casa de Rui Barbosa - <http://www.casaruibarbosa.gov.br/>.

<sup>23</sup> Folheto de autoria de **João Ferreira de Lima** (s/d). Ele nasceu, em São José do Egito (PE), em 1902. Além de poeta, foi astrólogo. Autor do mais célebre almanaque popular nordestino, o *Almanaque de Pernambuco*, lançado em 1936, e que entre 1936 e 1972 alcançou uma tiragem de mais de 70.000 exemplares. Percorreu vários temas da poesia popular, privilegiando as Discussões e Pelejas, mas também abordou os temas de malandragem e presepada, cuja obra mais conhecida é

---

versos desse cordel conseguem promover uma relevante peleja entre o passado (monarquia) representado pelo personagem Rufino Fonseca e o presente (república) representado por Antonio Eugenio:

**(Antonio Eugenio)**

Era pobre a nação  
Desde o sul até o norte  
Não existia transporte  
Nada havia exportação  
Nem carro nem caminhão  
Nem telegrama decente  
Nem rádio suficiente  
Nem telefone nem trem  
Hoje tudo isso tem  
Tempo bom é o presente

**(Rufino Fonseca)**

Do jeito que o senhor diz  
Vai me dando mil razões  
Foram essas invenções  
Que desgraçou o país  
Desde o padre ao juiz  
Fazem o mundo explorado  
Mais um imposto danado  
Um govêrno morto a fome  
O nosso lucro êle come  
Tempo bom foi o passado

Assim, é preciso dar ao cordel ainda mais visibilidade e possibilidades de ser uma fonte de construção da história. Conseqüentemente, o cordel é uma relevante linguagem alternativa que precisa ser usada em sala de aula, com o objetivo de auxiliar o livro didático de História na construção do conhecimento.

Outro ponto que vale à pena ser destacado é que os cordéis ganharam força no Brasil a partir de cantadores de viola, do meio popular, uma tradição oral que além de seu perfil humorístico findou adquirindo também características jornalísticas e históricas. Assim, diante da perspectiva jornalística, por exemplo, os folhetos passaram a relatar a realidade de um fato sob o olhar do cordelista, o jornalista do povo. Já diante da característica histórica, se faz pertinente considerar a literatura de cordel como ferramenta pedagógica no

---

As *palhaçadas de João Grilo*, folheto de 8 páginas, em sextilhas que, em 1948, foi ampliada por João Martins de Ataíde para 32 páginas, em setilhas, sob o título de *Proezas de João Grilo*. Ele publicou poucos títulos, mas de grande qualidade e influenciou uma série de grande autores. Faleceu em Bezerros, em 1973. Ver: Fundação Casa de Rui Barbosa - <http://www.casaruibarbosa.gov.br/>.

ambiente escolar e como fonte para as pesquisas historiográficas. E nesse sentido, Grillo adverte-nos que:

É preciso que se analisem os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e jornais tendenciosos, mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel, através dos folhetos, que mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles. (GRILLO, 2005: 12).

Dentro dessa perspectiva do cordel enquanto fonte historiográfica e linguagem alternativa para o ensino é pertinente destacarmos também que:

Despertar o gosto pela produção de conhecimento, ao invés de só se preocupar com o conteúdo, se torna possível a partir de um planejamento pedagógico estabelecido na prática educativa do professor (a). O espaço escolar possui uma vasta diversidade cultural, e a partir daí o ensino precisa ser moldado a cada indivíduo, considerando as devidas particularidades. (SANTOS, 2002: 2).

Contudo, nas aulas de História é muito comum encontrarmos aulas para papagaios, ou seja, o professor treina os discentes na memorização de um determinado conteúdo e cobra sua repetição no momento da avaliação, seja em perguntas abertas ou de múltipla escolha o aluno tem que saber o que foi imposto pelo docente. Não se valoriza dessa forma o poder de criação, de crítica e de reflexão do educando. Por outro lado, fala-se bastante em linguagens e métodos que se apresentam como relevantes aliados ao processo de ensino-aprendizagem, mas será que todo esse discurso está saindo da teoria e vindo realmente para a prática de sala de aula do professor/professora de História? É óbvio que não se deve aceitar que os professores/professoras sejam culpabilizados por todas as mazelas da educação escolar, mas será que nós enquanto educadores estamos realmente abertos a considerar nossos alunos como sujeitos pensantes, com potencial de ir para além de aulas fabricadas apenas no quadro e no livro didático?

Assim, posicionando-se contra a um ensino de História que não valoriza o aluno enquanto sujeito pensante, o presente artigo oferece como uma alternativa, de várias outras opções (música, quadrinhos, teatro, jogos, etc.), o uso do folheto de cordel em sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É muito prazeroso e gratificante fazer parte dessa pesquisa, porque nos possibilita entender como foram construídos os discursos que permearam a República Velha, não apenas através de uma história oficial e de uma literatura clássica, mas também através da literatura de cordel, ou seja, da crônica popular que expressa a cosmovisão das massas de origem nordestina.

Corolariamente, através da presente pesquisa se faz possível compreender um pouco do pensamento social, político, cotidiano e cultural do período histórico em questão. E também nos faz refletir e problematizar acerca do ensino de história na atualidade.

Em suma, gostaríamos de deixar claro que as problematizações e discussões contidas no presente artigo não colocam um ponto final nos diálogos sobre o contexto que envolveu os quarenta e um anos da República Velha, e nem esgota as discussões e questões acerca do ensino da História. Todavia, o objetivo principal é o de contribuir um pouco mais para uma reflexão e entendimento acerca do assunto.

## 7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARRUDA, José Jobson. **Do fim do século XIX aos dias de hoje**. 3ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARONE, Edgar. **A República Velha II – Evolução Política (1889-1930)**. 4ª Edição. São Paulo: DIFEL, 1983

CARONE, Edgar. **Revoluções do Brasil Contemporâneo 1922 – 1938**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil**. 11ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. Tradução de Fulvia L. M. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)**. Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A literatura de cordel na sala de aula*. In: ABREU, Martha & SOIHET, Rachel (orgs.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de

Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 116 – 126.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A literatura de cordel e o ensino da história.** Universidade do Porto, Portugal: Artigo publicado no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2008.

FREITAS, Jotacê. **Cordel Pedagógico – Oficina de Cordel.** Arquivo extraído do site: <http://www.portaldocordel.com.br/downloads.html> - Acessado em 04/02/2011.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Chorar ou sorrir pelo leite derramado?: Ética, estética e política na narrativa historiográfica.** Artigo publicado na ANPUH Nacional: Fortaleza, 2009.

MORAES, José Geraldo V. **Cidade e Cultura Urbana na Primeira República.** São Paulo: Ed. Atual, 1994. (Coleção discutindo a História do Brasil)

NEMER, Sylvia Regina Bastos. **O Folheto Popular e as Revistas Ilustradas: os circuitos de comunicação cidade/sertão na virada do século XIX para o século XX.** *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, Vol. 4, nº 4, p.1-11, 2007. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br) – Acessado em 04/02/2011.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula.** São Paulo: Editora - Livraria Duas Cidades, 2001.

SANTOS, Salvadora Passos de Araújo. **Oficina de Eco-Leitura: II Encontro Temático Meio Ambiente e Educação Ambiental.** Paraíba, 2002.

SOUZA, Iara Lis Schiavinatto Carvalho. **A República do Progresso.** São Paulo: Ed. Atual, 1994. (Coleção a vida no tempo).

TERRA, Antônia. *História e dialogicismo.* In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 91 – 103.

TREVISAN, Leonardo. **A República Velha.** 8ª Edição. São Paulo: Global, 2001.

VILLA, Marco Antonio. **A Queda do Império: Os últimos momentos da monarquia no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

#### **FOLHETOS DE CORDEL CONSULTADOS:**

Apolônio Alves dos Santos – **Tiradentes – O Mártir da Independência** (Datado de 10/08/1981). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Gonçalo Ferreira da Silva - **Antônio Conselheiro – África de um sertanejo místico** (s/d). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Gonçalo Ferreira da Silva – **O Evangelho Primeiro do Padre Cícero Romão** (s/d). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa

O USO DE UMA LINGUAGEM POPULAR NAS AULAS DE HISTÓRIA: As representações da República Velha nos folhetos de Cordel - por Kalhil Gibran Melo de Lucena e Maria Ângela de Faria Grillo

---

(<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Gonçalo Ferreira da Silva – **Corisco – O sucessor de Lampião** (s/d). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

João Balbino da Silva – **O Jéca na eleição** (s/d). Consultado a partir do acervo do Arquivo Público Estadual – Pernambuco.

João Martins de Athayde – **Lampeão em Villa Bella** (s/d). Consultado a partir do acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral – RJ (<http://www.cnfcp.gov.br/>).

João Martins de Athayde - **Ai se o passado voltasse** (1942). Consultado a partir do acervo do Arquivo Público Estadual – Pernambuco.

João Martins de Athayde – **A Chegada de Lampião no Inferno** (s/d). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

João Martins de Athayde – **A entrada do padre Cícero Romão no Céu visto por uma donzela de 13 anos** (s/d). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

João Melchades Ferreira da Silva – **A Victoria dos Aliados – A derrota da Alemanha e a Influenza Hespânica** (1918). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

José Bernardo da Silva – **Discussão de Rufino Fonseca com Antonio Eugenio** (s/d). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Macobeba – **História da política e dos políticos** (s/d). Consultado a partir do acervo do Arquivo Público Estadual – Pernambuco.

Minelvino Francisco Silva - **Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos** (s/d). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Minelvino Francisco Silva – **História da vaca política** (s/d). Consultado a partir do acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral – RJ (<http://www.cnfcp.gov.br/>).

Rodolfo Coelho Cavalcante – **A vida de Ruy Barbosa** (1974). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana - **A Didática do Cordel** (s/d). Consultado a partir do acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral – RJ (<http://www.cnfcp.gov.br/>).

O USO DE UMA LINGUAGEM POPULAR NAS AULAS DE HISTÓRIA: As representações da República Velha nos folhetos de Cordel - por Kalhil Gibran Melo de Lucena e Maria Ângela de Faria Grillo

---

**Recebido em: 03/03/2011**

**Aprovado em: 04/04/2011**